



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUANA LIBERATO

(Depoimento)

2017

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-830

Entrevistada: Luana Liberato

Nascimento: 08/02/1989

Local da entrevista: Hotel Laghetto - Porto Alegre, RS

Entrevistadora: Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 05/12/2017

Transcrição: Wilian Antiqueira da Luz

Copidesque: Greyce Débora Caetano Barros

Pesquisa: Wilian Antiqueira da Luz e Greyce Débora Caetano Barros.

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 29 minutos e 10 segundos

Páginas Digitadas: 15

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

O início no futebol; Aceitação na família; Atuação como goleira; Equipe de futebol da Marinha; Jogos Mundiais Militares; Títulos e participações em campeonatos; Participação no Clube de Regatas do Flamengo; Transferência para o Sport Club Internacional; Preconceito; Mulher no futebol.

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2017. Entrevista com Luana Liberato a cargo da pesquisadora Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. - Então Luana, primeiro eu gostaria de te agradecer por estar cedendo um pouco do teu tempo para nos conceder essa entrevista, e eu quero começar te perguntando como é que tu iniciou a jogar futebol?

L.L. - Jogar futebol profissionalmente eu comecei a jogar pelo clube Campo Grande¹, que é o bairro onde eu moro no Rio de Janeiro. Eu tinha, se não me engano, 17 para 18 anos, e aí eu joguei o primeiro Carioca², já entrei no adulto. Não comecei como goleira, teve aquelas dúvidas iniciais aonde a treinadora precisava de goleira e eu acabei suprindo essa necessidade e deu certo.

S.R. - E tu não jogou na rua, quando era mais nova?

L.L. - Sim, mais nova desde os 8 anos, na rua com os guris – no caso aqui –, com os meninos [risos], no caso no Rio, e foi isso assim, dos 8 até... Antes de eu me descobrir, antes de eu entrar no clube, na rua com os moleques, o tempo todo.

S.R. - E tu conseguia jogar no colégio também?

L.L. - Na escola também sempre me destaquei, na verdade, porque eu sempre queria estar no meio dos meninos jogando futebol. A maioria das meninas não queria fazer Educação Física quando era futebol, e eu sempre ali no meio e jogando com os meninos.

S.R. - E nessa época aí, existiam escolinhas específicas só para meninas, tu lembra?

L.L. - Não. Lá perto de casa até tem o Centro Esportivo³, que se chama, e não tinha a modalidade futebol feminino ou para meninas, a gente sempre jogava no meio dos

¹ Campo Grande Atlético Clube.

² Campeonato Carioca.

meninos. E como sempre acho que só tinha eu, na verdade assim, de não desistir, de você ver que queria mesmo. Só eu de menina sempre, às vezes iam duas ou três, mas com o passar do tempo já desistiam e tal. E era uma coisa que a minha mãe não gostava muito assim.

S.R. - E como é que tu descobriu esse clube?

L.L. - Na verdade, foi através... No decorrer de eu terminar o ensino médio e dentro de casa ser muito cobrada a ter um emprego. E nunca fui orientada a assim: “Depois que você acabar o ensino médio, procura estudar que eu te, sabe, eu pago” ou “Tem o ENEM⁴ para você fazer” ou “Tem outro recurso para você procurar”. E daí, na verdade ter uma base. Para você ter um emprego futuro. E eu me questionava a todo momento, dentro de casa estão me cobrando, mas eu não sei o que eu quero fazer, o que eu posso fazer. A única coisa que eu sabia fazer que eu tinha em mente era jogar futebol, e aí foi onde eu fui atrás de um clube.

S.R. - E tu disse que a tua mãe não aceitava muito, como é que era essa...

L.L. - É, eu perdi minha mãe aos 13 anos, assim. Então eu era um pouco mais nova, de 8 aos 13 eu estava no meio dos meninos e minha mãe não aceitava essa situação de eu jogar futebol, até pela época, que era uma época muito... Ainda é, a gente ainda vive uma época muito machista. E minha mãe sempre foi uma pessoa muito humilde, de conhecimentos também, então ela não gostava, tinha aquele preconceito dentro dela.

S.R. - E como é que tu te tornou goleira?

L.L. - Eu, como fui procurar o clube com 18 anos, a minha estrutura corporal já tinha mudado, dos 8 até os 13, ou até os 15, eu jogava como lateral e atacante, e aos 17 anos eu resolvi parar pelo fato do preconceito, e depois quando eu resolvi retomar, que eu terminei o ensino médio, a minha estrutura corporal já tinha mudado, já tinha ganhado muito peso, já não tinha tanta mobilidade como eu tinha antes. Só que eu me apresentei no clube como lateral e como atacante, achando que era só uma questão de tempo, que eu sabia fazer. E o

tempo foi passando, e eu não consegui desenvolver o que... As habilidades que eu achava que eu tinha ainda. E aí a treinadora até na época me castigou, hoje em dia a gente ri muito disso, que ela pegou e me deu um castigo, ela falou assim: “Vai para casa, tem duas semanas para você pensar se é isso mesmo que você quer.” Deu duas semanas certinhas, eu peguei e voltei para o clube, quando ela olhou para porta, que ela falou que me viu, ela falou assim: “Não acredito, ela voltou mesmo!” Tipo, com duas semanas pontuais. Aí ela pegou e falou assim: “Você não quer tentar no gol?” E eu falei: “Pode ser!” Achando que iria ser mais fácil. Aí começaram as semanas de treino, o dia a dia lá, e rala joelho, rala cotovelo, rala testa, rala tudo e aí eu comecei a me questionar se era isso mesmo que eu queria, porque não estava sendo tão fácil, mas insisti e graças a Deus deu tudo certo assim, na medida do possível.

S.R. - E desse clube, tu foi para onde?

L.L. - Aí logo em seguida, eu entrei para a Marinha⁵.

S.R. - Como é que se deu esse processo?

L.L. - Começou um projeto, e eu fui até uma das primeiras a fazer parte desse projeto Olímpico, na verdade, em relação ao futebol feminino. Eles iniciaram esse projeto, daí começaram a enviar e-mails, convites para os clubes de futebol feminino, fazendo uma convocação. Que ia abrir uma seletiva temporária, que eles gostariam de fazer um time, quem tivesse interessada, mandar o currículo. E no Campo Grande, eu fui uma das que não queria mandar o currículo, até porque eu tinha iniciado a minha carreira naquele momento, basicamente no mesmo ano, e eu falei: “Eu não tenho o que eu mandar no currículo, vou mandar o que? Eu iniciei como goleira agora, não sei o que...” Foi só até ai [risos]. Aí teve uma colega minha que pegou e falou: “Mas o não você já tem, o que custa mandar, não sei o que...” Ela conseguiu me convencer, aí a supervisora pegou e mandou o currículo, para o processo. Aí acho que foram três ou quatro do Campo Grande que mandaram, comigo, e acabou que das quatro só eu que passei. Aí entrei e fiquei lá... A gente tinha oito anos para

⁴ Exame Nacional do Ensino Médio.

⁵ Equipe de futebol feminino da Marinha.

ficar lá, fiquei lá os oito anos. A Marinha ela fez um convênio, na época era com o Vasco⁶, mas já fez com o Vasco, Botafogo⁷ e Flamengo⁸ e aí a gente disputava campeonatos estaduais e Campeonatos Mundiais também, que tinham os Jogos⁹, que eram como se fossem as Olimpíadas e o Mundial de Futebol Feminino. E aí a gente disputou, fomos para vários países diferentes, Estados Unidos, França, Alemanha. Tivemos, acho, que se eu não me engano, desde quando a gente iniciou, que foi em 2009, a gente ganhou todas as competições, só em 2013 que a gente ficou em terceiro lugar. Estadual também, todos, tirando 2013 também, dominamos o Rio de Janeiro [risos].

S.R. - Então tu é campeã mundial?

L.L. - Sou campeã mundial, graças a Deus. Sou campeã não, acho que sou tricampeã se eu não me engano.

S.R. - Três vezes!

L.L. - Não foi tão fácil assim no meu início, porque eu já sai do Campo Grande sem muita vivência, sem muita experiência para a Marinha. Competi assim, em questões de posição com goleiras renomadas, como Vanessa¹⁰, que era da seleção na época, Fernanda¹¹, Suzane¹², na verdade a mais crua era eu. Então demorou um tempo aí de uns dois, três anos para eu poder conseguir a titularidade e dar sequência ao trabalho das meninas, na verdade, que era manter o troféu para gente.

S.R. - Então como é que se dava essa parceria com os times, porque teve parceria com o Flamengo também...

L.L. - Na verdade era só a questão da camisa mesmo, que a estrutura, salário, era tudo Marinha.

⁶ Club de Regatas Vasco da Gamas.

⁷ Botafogo de Futebol e Regatas.

⁸ Clube de Regatas do Flamengo.

⁹ Jogos Mundiais Militares.

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Nome sujeito a confirmação.

S.R. - Mas vocês tiveram que fazer alguma prova, tem patente militar?

L.L. - Sim, tinha patente. A prova, na verdade, foi só inicial para seguir o rótulo, na verdade o protocolo da instituição, que é militar, então tinha que ser tudo certinho.

S.R. - E tu era o quê?

L.L. - Era 3º sargento.

S.R. - E além dos Mundiais e dos Estaduais, tu lembra de mais alguma competição que tu tenha disputado com a Marinha?

L.L. - Com a Marinha, não. Às vezes tinham alguns torneios internos, mas nada muito importante assim.

S.R. - E desses Mundiais, qual foi o mais marcante para ti?

L.L. - O mais marcante foi o de 2015 lá na Coréia. A gente já sabia mais ou menos porque o processo é o mesmo para todas as equipes, em relação a seleção das atletas. Então eu já conhecia mais ou menos as equipes, e a equipe que mais dava trabalho era a Coréia. E aí a gente foi para a semifinal com a Coréia e 0x0 no tempo normal, primeiro e segundo tempo, chegou na prorrogação, uma atleta que ninguém queria que o treinador colocasse, assim, aquela atleta que serve para tudo, que faz tudo, vai de zagueira, vai de goleira, vai de atacante, na prorrogação ele trocou aí o time ficou meio assustado assim, daqui a pouco do nada ela recebeu um passe em diagonal, pegou e fez gol. Aí acabou o primeiro tempo da prorrogação e ainda tinha que segurar o segundo, aí no segundo a gente teve duas, três chances, mas não conseguimos fazer, aí terminou 1x0. Mas assim, foi uma coisa muito fora do normal assim, fora do contexto e aí ficou marcante porque depois, querendo ou não, a Coréia era a adversária mais difícil, então foi uma final antecipada. Aí depois fomos para a final, também não foi tão fácil assim, mas eu tinha tirado eu acho metade de um caminhão de peso.

S.R. - Exatamente! E foi contra quem essa final?

L.L. - A final foi contra a Holanda se não me engano, Holanda ou França... Foi França. Na verdade, até a final foi uma peleia danada, foi pesado.

S.R. - E acontece com que regularidade esse campeonato? É de quatro em quatro anos?

L.L. - Quatro em quatro e o Mundial que tinha todo o ano, cortaram.

S.R. - Era todo ano.

L.L. - Tinha todo ano Mundial, e quatro em quatro os Jogos. Que aí eram todas as modalidades aonde... Como se fossem as Olimpíadas, só que aí como era militar eram os Jogos.

S.R. - Entendi, que é tipo Copa do Mundo.

L.L. - Isso, Copa do Mundo.

S.R. - Copa do Mundo, tipo só futebol, todos os anos...

L.L. - E Olimpíadas, isso.

S.R. - Mas Mundial também, tipo, de todo mundo e as Olimpíadas de quatro em quatro anos... Que legal! Que show! E tu disputou esses oito anos aí que tu ficou na Marinha, tu disputou?

L.L. - Disputei os oito anos.

S.R. - Cada ano em um país.

L.L. - Não é nada, não é nada, mas é um pouquinho [risos]. Deu para poder adquirir um pouquinho de conhecimento e experiência.

S.R. - E como se deu o processo de saída da Marinha?

L.L. - Então, a saída foi junto com a entrada na verdade, porque a gente já entra sabendo, e meio que você tem que já entrar preparado. Porque você é que faz, de acordo com a sua, com o seu desempenho anual, que você faz valer os oito anos, você não entra garantindo os oito anos. Aí muda a comissão de acordo com o tempo, então você tem que estar sempre em alto rendimento na verdade, e aí graças a Deus eu consegui dentro desses oito anos sempre evoluir. Tanto que no último ano, a gente deixou para o último ano, que eu digo é, que Deus quis que fosse assim para o último ano que a gente conseguisse ganhar o Brasileiro¹³, que era o único campeonato civil que a gente não tinha.

S.R. - Ah que tu conquistou com o Flamengo...

L.L. - O Rio de Janeiro não tinha isso.

S.R. - Tu fez parte daquela equipe lá, foi o que, 2015 ou 2016?

L.L. - 2016.

S.R. - 2016, não é?!

L.L. - 2016, ano passado.

S.R. - Conta um pouquinho.

L.L. - E aí foi uma coisa que a gente já estava em mente assim, de que tinha obrigação de ganhar, porque a gente estava sempre chegando, a gente com o Botafogo chegou em uma semifinal, perdemos nos pênaltis em 2014. 2015 saímos até antes, nas oitavas, e em 2016 por ser um time experiente, já estar entrosada há bastante tempo a gente não aceitava mais nem trave e nem travessão. E aí fomos batalhando ao decorrer do tempo, a cada jogo, quando a gente foi ver que abriu o olho a gente já estava na final, e aí eram dois jogos. Aí o

primeiro foi em casa, a gente perdeu de 1x0 com particularmente, eu acho que foi uma falha minha, e aí parece que o meu mundo desabou naquele dia, naquele jogo ali, eu fui para psicólogo e tudo. A psicóloga conseguiu fazer um trabalho bem bacana. Fomos para São Paulo para a cidade de Rio Preto com a responsabilidade de ganhar, só tinha a vitória. Chegamos lá, começou o jogo, pênalti para a gente, 1x0 Flamengo. Aí passou um tempinho, pênalti para o Rio Preto¹⁴ também, aí 1x1. Acabou o primeiro tempo, voltamos para o segundo, 2x1. Coisas que a gente nunca tinha feito no Rio Preto, tipo gol, ainda mais dentro da casa delas assim. E aí a gente foi, tentou segurar o máximo o placar, porque a partir dali a gente já não podia mais tomar gol e era um dia também atípico que você sente que a energia do grupo, sabe? Está diferente, que se ficasse, acho que até o ano todo jogando, não íamos sofrer gol, de repente não faríamos também, mas dali o campeonato também seria nosso. E a gente se consagrou campeãs assim, foi um alívio, foi um peso que a gente tirou das costas, mas um peso que a gente mesmo colocou, uma responsabilidade que a gente achou que tinha e que não podia ser mais de ninguém, sabe? E aí graças a Deus deu tudo certo, a gente conseguiu fazer história em um clube que não tinha perspectiva nenhuma com o futebol feminino. A gente representou o Rio de Janeiro e fez história no geral para o clube, para a gente e para Marinha também que acho que não tinha esperança.

S.R. - E todas as atletas eram da Marinha?

L.L. - Todas não. Essa época foi a época que teve *Draft*¹⁵ da CBF¹⁶. Daí o *Draft* ele proporcionou ao Flamengo duas atletas de nível de seleção, que na época foi a Maurine¹⁷ e a Bia Vaz¹⁸ que fizeram parte do grupo, e aí ajudou a gente a ganhar esse título.

S.R. - Então até agora, de tudo isso que tu já citou aí, dois momentos foram bem marcantes para ti, tem algum outro que tenha te pegado assim, que tenha sido marcante também?

L.L. - Olha, um outro momento, eu acho que foi dentro desse mesmo Campeonato Brasileiro, no qual aconteceu um jogo contra um time de Santa Catarina, o Kindermann¹⁹,

¹³ Campeonato Brasileiro.

¹⁴ Rio Preto Esporte Clube.

¹⁵ Sistema de escolha de atletas.

¹⁶ Confederação Brasileira de Futebol.

¹⁷ Maurine Dorneles Gonçalves.

e a gente nunca havia ganhado de nenhum time deles, Na verdade, do Kindermann. E a gente tinha um medo assim, eu particularmente tinha um medo muito grande, porque trocavam as comissões e a gente não conseguia ganhar e no ano passado, parece que isso, não sei o que aconteceu, foi o que eu falei, quando é para ser... A gente entrou em campo e ganhamos o jogo como se não existisse monstro, não existisse... Ganhamos, acabou passando: “Vamos, vamos para outra!” E foi uma época também que me marcou muito assim, acho que foi até o pontapé inicial dessa caminhada para o título.

S.R. - O Kindermann sempre foi um time muito forte, um time de camisa, de tradição no futebol feminino.

L.L. - E a gente nunca tinha ganho sabe, sempre empatava ou perdia, e era um time que atrapalhava muito, não deixava a gente seguir.

S.R. - E pós era Flamengo?

L.L. - Bom, depois da era Flamengo, nessa loucura de campeonato, de vida, eu estudava, fazia faculdade de Educação Física, acho que também foi bastante difícil por isso, porque tinha os estudos paralelos aos jogos, aos campeonatos, a profissão de atleta... E aí no mesmo ano que eu sai da Marinha, que foi... Acho que foi até esse ano, estou até perdida no tempo, foi esse ano mesmo. E aí concluía-se meu tempo na Marinha e meu tempo de formação. Então foi um período que eu não tive como entrar em contato com nenhum clube no início do semestre porque eu tinha que me formar, era o último semestre, não tinha como simplesmente virar as costas para seis meses para continuar jogando futebol. Aí me formei em agosto e fiquei um tempinho parada, sem clube, desde o início do ano, mas tentando treinar, academia e alguns clubes amadores para não perder muito o ritmo e aí surgiu a oportunidade de vir para cá depois da formatura, já foi agora quase no final do ano, em outubro que eu cheguei aqui, aí o Internacional²⁰ me abraçou.

S.R. - E como foi esse processo de vinda para cá, como tu chegou até aqui?

¹⁸ Beatriz Vaz e Silva.

¹⁹ Sociedade Esportiva Kindermann.

L.L. - A Duda²¹ entrou em contato comigo, eu já estava na verdade sem perspectiva desse ano...

S.R. - Pois é, isso que eu ia te perguntar.

L.L. - Outubro, eu já estava me preparando para o ano que vem, aí a Duda entrou em contato comigo: “Eu queria saber, se tem currículo, não sei o que...” E eu desesperada: “Tem!” “Me manda alguma coisa.” Disse que está procurando uma goleira experiente, aí mandei os vídeos para ela, e ela: “Vou conversar com a treinadora aqui, e assim que a gente tiver a resposta, te passo a informação” E eu: “Sim!” Mas aí comecei a fazer uma propaganda: “Mas acho que sou eu mesmo, não tem outra, vou cair como uma luva aí” Tentando “xavecar” ela, aí passou uns dois dias, e eu já tinha até esquecido, acordei, peguei meu celular, pulei até a mensagem dela, eu acho que fui ver só no final da tarde, falei: “*Meu deus!* A moça lá do Internacional, não sei o que...” Aí o meu sobrinho estava do meu lado: “E aí? E aí?” “Falou que estava interessada.” Ele ficou até mais feliz do que eu. Aí ele: “*Poxa!*” Ele me chama de Tio Lu. Aí ele: “Poxa Tio Lu, o Internacional é um clube de tradição.” Aí começou a contar da história do clube, que ele é fascinado por futebol. Falei: “Acho que vai fechar, acho que fechou.” Daí quando fechamos, comprei a passagem para vir para cá, ainda não estava acreditando. E depois de oito anos em um clube só, jogando em um ambiente só, eu também ainda estava estranhando um pouco. Mas aí deu tudo certo, vim para cá, a recepção foi muito legal de vocês, tanto do pessoal do clube, quanto as meninas, a cidade toda também. Quebrou acho que muita informação errada que a gente tem, lá do Rio de Janeiro de vocês, não sei se é por não saber ou se é por saber demais, “achômetro” mesmo, é totalmente diferente do que as pessoas falam, coisas que não sabem e aumentam o que sabem, não sei, mas foi muito bacana e está sendo uma experiência muito legal, de verdade.

S.R. - Tu teve alguma outra ocupação profissional assim, sem ser jogadora?

²⁰ Sport Clube Internacional.

²¹ Eduarda Marranghello Luizelli.

L.L. - Só estágios, pela faculdade. Eu estagiei em academia, estagiei em escola, que eu me formei em Licenciatura, e alguns cursinhos, palestras, tinha algumas remunerações, mas nada muito profissional assim, mais questões de conhecimento.

S.R. - E tu chegou a te sustentar só jogando futebol?

L.L. - Na verdade a minha vida toda eu fui sustentada pelo futebol assim. A vida toda, a faculdade foi o futebol que me deu, questões de conhecimento mesmo, tudo, tudo o que eu tenho, eu vivo do futebol.

S.R. - E tu é formada em Educação Física hoje?

L.L. - Em Educação Física, licenciatura, graças ao bom Pai.

S.R. - E tu já sofreu alguma dificuldade por ser mulher e jogar futebol?

L.L. - Olha, dificuldade, no início eu sofri muito assim. Eu digo até mais em relação ao meu bairro, porque fora do meu bairro eu vejo que ainda tem bastante dificuldade, mas eu consigo me impor mais. No meu bairro, as pessoas me olhavam muito com olhar de preconceito, acho que até não imaginavam que eu iria chegar até tão longe assim. E hoje em dia, voltar para casa e saber que você impôs o respeito, até me emociono porque, saber que você impôs o respeito com o que você plantou, é muito gratificante, muito gratificante. Eu tenho uma tia dentro de casa que me apoiou e me apoia o tempo todo, e ela também me ajudou muito com isso, em relação as pessoas de fora olharem, hoje ela faz propaganda: “Não, escreve aí o que eu estou te falando, minha sobrinha, daqui a pouco, essa aqui daqui a pouco...” Ela que vai atrás às vezes até de *marketing*. Não que eu queira, mas assim, ela gosta disso, é dela: “Minha sobrinha joga no Flamengo, assiste lá, vai ter jogo!” Sai fazendo propaganda no bairro porque todo mundo conhece ela, bem doida também, mas é uma doida consciente, e é muito legal assim, sou muito fã dela. Não só por isso, mas por ser minha tia.

S.R. - Então assim, finalizando já quase, se tivesse algum objeto pessoal, teu assim, que retratasse toda a tua trajetória, qual seria?

L.L. - Um objeto pessoal...

S.R. - Pode ser um, pode ser dois...

L.L. - Difícil... Acho que...

S.R. - Se eu te pedisse assim: “Luana, eu preciso fazer um exposição e eu quero te colocar dentro dessa exposição, preciso de um objeto teu.” Qual tu me traria?

L.L. - Acho que você vai achar engraçado, mas eu acho que é uma coisa que me representa muito assim, eu acho que eu te daria um tantã²².

S.R. - É mesmo? [riso]

L.L. - De verdade.

S.R. - Tu toca?

L.L. - Fez parte da minha trajetória no futebol o tempo todo assim. É uma coisa que me representa muito, não só por tocar, mas minha tia também gosta de música, é uma coisa que faz parte dela, então faz parte de mim. Eu não consigo me concentrar sem ouvir música, não consigo ir para jogo sem ouvir música, fora dos campos, tem que ter música. De repente dando uma aula de alguma coisa, me vejo como professora de zumba, sei lá, que inclui música. Então acho que me representaria muito isso. Poderia colocar o tantã em uma exposição e a minha cabeça em cima por mais que ninguém entendesse nada, mas com a definição ali em baixo, ia ficar bem claro.

S.R. - Tem mais alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de falar?

L.L. - Não, acho que está bem resumido. A Thessa²³ até me zoou que ia ter entrevista hoje, aí ela falou: “Vai falar que tem oito anos de Marinha só e deu” [risos]. É curta minha

carreira e eu já estou com uma idade adulta, digamos um pouquinho avançada. Não sou mundialmente conhecida, mas graças a Deus tenho uma experiência significativa que dá para seguir em frente, dá para dar uma entrevista eu acho. [risos]

S.R. - Com certeza...

L.L. - Uma bagagemzinha.

S.R. - Uma bagagem e muitas conquistas também, não só dentro de campo, mas fora também.

L.L. - Essa é a melhor parte.

S.R. - Então, muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

²² Instrumento musical de percussão.

²³ Thessa Tayná de Paula.